O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES. *Gerente—SABINO BAPTISTA*

ANNO II | Fortaleza, 1.º de Outubro de 1895. | NUM. 25

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

—

O Pão publica-se duas vezes por mez.

—

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.—Ceara.

SUMMARIO.—*Os quinze dias*, Moacyr Jurema;—*Juvenal Galeno*, A Redacção;—*A Padaria Espiritual*, Juvenal Galeno;—*A Encruzilhada*, Bruno Jacy;—*Em voz baixa*, Raymundo Corrêa;—*Cartas Litterarias*, Rodolpho Theophilo;—*A Sogra*, Padre Corrêa de Almeida;—*Bibliographia*, M. J.;—*Problema*, Sabino Baptista;—*No Sertão*, Privolino Catasanto;—*Marinha*, Antonio de Castro;—*Imprensa Litteraria*, A. S.;—*A Ausente*, Gil Navarra;—*Carteira*.

Os quinze dias

Ha muito tempo que não nos era dado ver uma festa tão significativa, tão encantadora na sua singeleza e espontaneidade como a manifestação que a Padaria Espiritual fez ao grande poeta popular Juvenal Galeno, que no dia 27 do mez findo completou o seu 50.º anniversario natalicio.

Conceberemos pelo começo.

Aventada em sessão da Padaria a idéa da manifestação, ficou assentado que ella consistiria na entrega do diploma de Padeiro mór Honorario ao inspirado cantor da *Lyra Cearense*.

Redigido o diploma, encarregou-se de desenhal-o o Padeiro Luiz Sá, o grande e modesto artista que, quer empunhando o lapis de desenhista, quer a penna de calligrapho, se revela um talento fora do estalão commum.

O trabalho de Sá é um primor, um verdadeiro primor de concepção e execução.

(Vê o publico que a Padaria tem gente para tudo, e ainda sobra... mas para tudo o que é bom, entenda-se).

Esta conspiração contra o retrahimento pacato e burguez em que vive ha tempos o Juvenal, o dormir sobre os louros conquistados, foi urdida no mais completo segredo afim de que a scena fosse para elle uma verdadeira surpreza e assaltal-o de chofre, e não uma dessas surpresas a Luto Historico, do qual faz parte Juvenal oleo e a escrivaninha de praxe de que muitas vezes o surprehendido faz os gastos.

Dictava os nossos intuitos a mais sentida e grata admiração pela formosa e immorredoura obra de Juvenal Galeno, que tanta inspiração e tanto trabalho despendeu para dotar nossa terra com a historia rimada e emocionante das suas lendas, dos seus costumes, das suas glorias e das suas tristezas.

Ao ver o velho triumphador abrigado á sombra do lar, a bater-se vulgarmente na lucta pela vida, guardando no fundo das gavetas os laureis honestamente colhidos—entendemos dever trazel-o á scena aberta afim de que, como seus filhos intellectuaes, que nos presamos de ser, lhe rendessemos os preitos de nossa admiração.

Com quanto seja o juiso da Posteridade o unico competente para separar o joio do trigo, sagrando os verdadeiros heroes, sempre é bom que agente vá saccando sobre o futuro e faça destas apotheoses de corpo presente que embora não sejam mais tarde referendadas, ao menos derramam um consolo no coração de quem as recebe.

Mas, ou muito nos enganamos, ou a obra de Juvenal Galeno pertence ao numero das que a ferrugem das eras não corroe nem deforma.

E foi assim pensando que nós os soldados de hoje fomos fazer as nossas continencias ao velho general das lettras cearenses.

Dentre os nossos consocios ha alguns casados, e assim se explica o facto de ter gorado a nossa surpreza, de forma que quando chegou a banda de musica que mandamos pôr á frente da casa do poeta, já esta estava illuminada e enfeitada a nossa espera.

Ao grupo da Padaria encorporaram-se o Dr. Justiniano de Serpa, da Academia Cearense, João Perdigão, do Instituto Historico, e Luiz Barreiros, da Mina Litteraria do Para.

Ás 7 e pouco da noite entramos pela casa do Juvenal.

Waldemiro Cavalcanti, numa allocução de fino favor litterario e cheio de sentimento, saudou-o em nome da Padaria e fez lhe entrega do diploma.

Juvenal agradeceu com quatro palavras e algumas lagrimas que não podemos contar, e leu em seguida os bellissimos, os primorosos versos que vão publicados mais adiante.

João Perdigão falou em nome do Instituto Historico, do qual faz parte Juvenal.

Por ultimo falou Luiz Barreiros em nome da Mina Litteraria do Para.

Juvenal respondeu a ambos a chorar de alegria e de gratidão.

Mais tarde, após longa e deliciosa palestra sobre lettras, fomos conduzidos á sala de jantar onde se pompeava uma vasta meza artisticamente enfeitada e succulentamente provoada de coisas capazes de escangalhar a abstinencia de um santo e de saciar o... (Consintam que não estampemos aqui o nome de um dos nossos companheiros—talentoso e excellente rapaz, mas que, pelos modos, soffre de fome canina).

Encetou os brindes o Antonio Salles, que, com aquella negação que Deus lhe deu para as cousas da eloquencia, condensou num *toast* laconico a sua saudação ao festejado.

Falou em seguida o Serpa. Não sabemos si elle já teve alguns momentos felizes na sua vida de orador, mas estamos convencidos de que poucos momentos felizes terá tido como esse em que saudou ao Juvenal. A sua allocução foi uma verdadeira torrente de phrazes de uma profunda emoção poetica, lampejantes de imagens felicissimas, repleetas de criteriosos conceitos sobre a individualidade litteraria do poeta da *Porangaba*.

O brindes do Serpa foi uma das notas culminantes da festa.

Voltando ao salão, fez-se um curto espirito até a hora em que Antonio Salles, abrindo ao acaso a *Lyra Cearense*, annunciou a leitura de algumas poesias do Juvenal.

Foram lidas a historia do *Barcopolo* e *A Viola*.

Foi indescriptivel o effeito produzido por essas duas joias da poesia popular.

Palmas inescriptiveis roboravam a cada estrophe e até o povo que se apinhava na calçada e el sportava bater nas janellas manifestava com applausos o seu enthusiasmo.

E quando mais tarde davamos o adeo ao Juvenal Galeno e abraços de despedida, mais que nunca convencidos da solidez da sua gloria, da sobrevivencia do seu nome—e muito satisfeitos como nos por lhe termos feito sentir que em vez de neophilos iconoclastas somos respeitadores de todo o crente que com verdadeira uncção se ajoelha no templo da Arte.

Honra ao grande poeta!

MOACYR JUREMA

Juvenal Galeno

Esse glorioso poeta popular cujo natalicio festejou ha dias a Padaria Espiritual, nasceu a 27 do Setembro de 1836, nesta capital na casa nº. 66 da rua Formosa.

Foram seus pais José Antonio da Costa e Silva e D. Maria do Carmo Theophilo e Silva.

Juvenal Galeno cursou humanidades no Lyceu desta capital e seguiu depois para a antiga Côrte afim de proseguir os seus estudos.

Ali chegando o nosso poeta, entregou-se sem demora ás lettras, negligenciando as suas obrigações de estudante e burlando as intenções paternas.

O seu volume de estréa foi—*Preludios poeticos* (1856. Typ. Americana de José Soares do Pinho, um volume in 8.º 152 pag.).

A impressão deste volume foi paga com 100$ que o pai de Juvenal lhe remetteu para fazer uma excursão a Cantagallo e ali estudar a cultura do café, desenganado como estava de que o filho proseguisse os seus estudos.

Voltando ao Ceará, continuou imperturbavelmente a sua vida litteraria publicando em 1861 a lenda em verso *Porangaba*, que foi o seu primeiro passo para a celebridade.

Um verdadeiro mimo a lenda da formosa caboela cujo perfil elle começa a traçar com esta estrophe:

« Porangaba, Porangaba,
Quanto és formosa e louçan!
Tens o poder dos Piagas,
E's divina qual Tupan;
Porangaba,
Tu és a doce manhan. »

Seguiu-se a publicação das *Lendas e Canções populares*, que o cobriram de louros não só por parte da critica como—e o que é mais valioso—por parte do povo, que lhe decorou os versos, que lhes poz musica dando-lhes assim a mais real, a mais significativa sagração.

Em 1871 publicou Juvenal duas obras —*Scenas populares* e *Canções da escola*, sendo esta adoptada para as escolas primarias.

Em 1872 fez acquisição de uma typographia e nella a publicação da *Lyra Cearense*, que é a destribuida em fasciculos semanaes de 8 pag. pelos respectivos assignantes.

Cremos que foi no fim deste anno que Juvenal se retirou para a Serra da Aratanha onde se entregou á agricultura até 1888, quando foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca Publica e mudou-se para esta capital com o fim de educar os filhos.

Em 1891 reuniu em um volume os folhetins satyricos e humoristicos em verso que havia publicado no rodapé da *Constituição* sob o pseudonymo de *Silcanus*.

No anno seguinte publicou uma segunda edição das *Lendas e canções populares*, refundida, muito augmentada e precedida de juisos criticos de Castilho, Araripe Junior, F. Tavora, Machado de Assis etc.

Eis aqui, com um laconismo de catalogo, a grande e bella obra de Juvenal Galeno, obra em que vibram todas as paixões — amor, patriotismo, odios, desdens e tudo o que pode agitar uma alma apaixonada e superior.

Mas a nota predominante de sua obra, a que o consagra altamente no conceito publico e o seu amor pelo povo cuja vida, idéas, costumes, superstições e lendas elle interpreta e descreve com uma verdade palpitante, com uma graça singela, original e profunda.

A estes ligeiros apontamentos litterarios juntaremos alguns traços physionomicos e moraes.

Juvenal Galeno é hoje um velhote gordo, baixo, ainda muito forte, de suissas brancas, usando oculos verdes quasi na ponta do nariz.

Gosando de regular abastança, vive exclusivamente para os seus, dos quaes só se aparta para ir á repartição ou para tractar de negocios indispensaveis.

E' um palestrador incansavel, muito espirituoso e finamente satyrico.

A proposito de qualquer acontecimento tem sempre uma anedocta engatilhada com que fazer paradello e tirar conclusões divertidas e causticantes.

Muitas vezes faz de sua pessoa e das suas obras o assumpto das suas troças.

—

Terminando este rapido esboço, desvanecemo-nos de ter prestado ao nosso grande poeta as homenagens que lhe devíamos como humildes mas operosos paladinos que somos das lettras cearenses.

A REDACÇÃO

NOTA—Tendo sido a nossa manifestação a Juvenal Galeno urdida no mais completo segredo, soccorremo-nos a informações de terceiro, o que torna sem duvida estes dados incompletos e defficientes.

A' Padaria Espiritual

(Recebendo o diploma de Padeiro-mor honorario que me conferiu no meu anniversario natalicio).

«Quem não tem merecimentos,
«Glorias não pode alcançar.»
São do pouco ensinamentos,
Nas cantigas de seu lar,
Que aprendi desde menino,
Em busca do meu destino
Principiando a trocar;
Que me serviram de abrigo
Dos procellas no perigo,
Pharol nas ondas do mar.

E, embora velho, senhores,
Das saudades na estação,
Inda me anima e consola
Bôa cantiga, a viola,
D'aquelles tempos... Então
Fugindo á patria cidade
Procurei a solidade
Na praia, serra e sertão
E da natura no seio,
Do pobre povo no meio,
Cantei, ao som do baiao
Prazeres, melancholias
Nossas noites, nossos dias,
Sendo mestre—o coração!
Ora—amores da morena,
A' luz da lua serena;
Ora—as lendas da jangada,
Com sua vela enfunada,
Na linha, longe, a brilhar,
E as lidas do jangadeiro,
E as canceiras do vaqueiro,
Nas suas doces toadas,
Acompanhando as boiadas,
Que as feiras iam levar;
Proezas das vaqueiradas,
Perigos do campear...
Atraz da rez catingueira,
Vertiginosa a carreira,
Novilho arisco a topar!...
Ou nas verdes serranias,
Ao gemer das centanias,
Venturas que lá gozei...
Ai quanto amar e remanço,
No trabalho, e no descanço!
Como feliz eu cantei,—
As artes dos caiporas,
No matagal a deshoras,
E as da mãe-d'agua tambem;
E das serranas faceiras,
Os encontros nas ladeiras,
Dos cafesões junto ás eiras,
Nos rios... entre a cocem!
Conhecendo as feiticeiras...
Quem não incejou? Ninguem!

. . . . . .

Pois bebam agua, capazes,
Ou então, sendo capazes,
Fujam p'r'as serras d'alem.

Mas, d'esse tempo ditoso,
Só restam—recordações...
Minhas singelas canções,
Qu'inda repito, saudoso
D'alacos affectos d'outr'ora
Das minhas inspirações;
Mas, como as bendigo agora!
Pois lhes deco esta alegria...
Titulo de tanta valia,
Da Padaria gentil...
Virentes louros, colhidos
Nos jardins dos escolhidos,
Para um collega senil!
Oh, bem sei que não me cabem,
—Da juventude esperdicios—
Mas os acceito e admiro,
Como o pobre em seu retiro,
Do astro-rei beneficios.
Na choca cendo-os entrar;
Qu'este diploma e louvores
Mais não são do que lacores
De fidalguias sem par!
Que sinto ferir-me n'alma,
Da gratidão prezo a palma,
Agudo espinho,—o pezar
De,—conforme ensinamentos
Não possuir documentos
Que os possa justificar
Ouvindo em muitos momentos,
«Quem não tem merecimentos,
«Glorias não pode alcançar.»

JUVENAL GALENO

A encruzilhada

Meu Deus! Um momento só de felicidade não é bastante para uma vida inteira?...

Th. Dostoievsky

Diversas vezes passei com elle pela aquella encruzilhada e sempre vi illuminar-lhe a face um rapido sorriso

e algum tempo ficava, pensativo como que embevecido em grata recordação.

Era fora de duvida que experimentava passando alli algo na doce emoção. Recordava-se talvez de um episodio feliz, uma dessas venturas fugitivas e inenarraveis da esperança dos amores, que duram apenas um momento mas deixam n' alma um sulco imperecivel.

Porem alli, no meio da floresta, longe tão longe da toda habitação !...

Eu ir ser indiscreto : elle antecipou-se. Uma vez como possessemos alli, transbordou nelle a emoção : teve necessidade de expandir-se

E contou-me.

Ainda muito moço, andando na floresta, se perdêra

De balde procurou por muito tempo um trilho, uma vereda que o encaminhasse. Gritava , era completa a solidão. Algumas vezes respondia-lhe da copa de uma arvore uma gargalhada estridente, sarcastica.

E elle estremecia assustado e despeitado, embora lhe fosse familiar o grito d'quella ave : pois não haverá solidão que nos livre da zombaria, toda que seja de um passaro ?

A espessura das arvores, as nuvens e os embaraços no caminhar por logares cheios de obstaculos faziam-no perder o rumo a cada instante. E quando suppunha caminhar para o nascente surgia-lhe ante os olhos o sol a descer para o occaso

Extenuado de todo, com as roupas dilaceradas, ensanguentadas as mãos, pernas e pés entumescidos, de vez em quando assaltado por dolorosas picadas cahira por fim alli, junto daquella grande oiticica onde se cruzavam duas veredas.

Fraco, exanime, vencido, elle escutava com inveja e com rancor os variados ruidos da floresta.

Em cima cantavam passaros alegremente a'porfia e volitavam em pequenos bandos de uma arvore para outra e dialogavam talues, saltitantes e bregeiros. E elle via se apoucar a noute e se desvanecer a esperança de salvação.

Labiavam-se colibris visitando as flores silvestres e diabroas, aos insectos, e outros insectos zumbiam-lhe em torno da cabeça e o estomago se contrahia nas agonias da fome

Por toda parte avadia rodeava exhuberante e activa. Os seres em milhares batiam ao redor delle, e em cada moita em cada tronco em cada ramo havia uma luta e havia uma victoria. E no meio dos vermes e insectos tão pequenos, que elle esmagaria um cento de uma vez, era elle vencido sem luta, que se ia offerecer em pasto a voracidade desses vermes, dos insectos

A noute aggravou-lhe os soffrimentos todos Silvos prudos ruidos, cochilam no de passo e nas sombras medonhas o delirio de sêde lhe mostrava horrendas feras e asquerosos reptis peçonhentos

Fora encontrado quasi moribundo depois de soffrimentos indiziveis

Elle contava tudo isto, com muitos mundenas muito a mais dinamo A recordação dos soffrimentos não lhe [illegible] um [illegible]

Concluiu, impertinente, impassivel, a narrativa daquella noite angustos, passada em claro na mata entre os tormentos da fome e da sede, a dor dos ferimentos e o horror das imagens pavorosas que lhe creava a mente subjugada pela sede e pelo medo.

Depois, fez uma pausa como recuperando-se.

Eu estava pasmo. Acredatava sempre que fosse muito grata a recordação evocada por aquelle logar : e em vez de um feliz episodio de amores acabar de ouvir uma desagradavel aventura de caça.

—

Mas de novo o sorriso costumado lhe veio colorar os labios. O enleio, o emperecimento que tantas vezes em noutra reappareceu.

E elle continuou.

—

Muitos annos depois tornava a passar por alli. Não estava só conchegava-se a elle uma gentil e risonha companheira que tagarellava e trinava, sempre vivida e alegre.

De proposito levou-a aquelle ponto e alli, sentados junto ao tronco da oiticica, referiu-lhe a mesma historia que acabava de contar-me.

Ella commoveu-se, entristeceu, e d'ahi a pouco, borbulhantes de lagrimas os olhos, colria-o de caricias, alli mesmo, onde elle cahira outrora agonisante.

Depois disso, a recordação dos soffrimentos se adoçava e se dissipara ante a lembrança d' aquelle unico momento de venturas, feliz compensação de tantas horas de cruciantes amarguras. E ao passar alli era só aquelle momento que revivia na memoria do desgraçado.

E como não ser assim, si os soffrimentos na vida são contantes e os momentos de ventura são tão raros !...

Aracaty, 1897

BRUNO JACY.

Em voz baixa...

(INEDITO)

—Anarda hoje é sisuda e reservada!
E-sta é Anarda? Como a gente muda!
Anarda é esta? Como está mudada! —

Com ver Anarda assim, ninguem se illude
Pensas que ella mudou? Não mudou nada,
Nunca foi reservada, nem sisuda.

Fosse um doutor, um conde, algum banqueiro
Por mais que o tivesse amor um *fado*
E que *fado* fosse bem pouco desigual.

Mas é cabe ao *fado* um sonho e um [illegible]
De que ella em bem o navio ao mundo
Que ela guardar segredo nunca cabe
?

E esquecer o malogrado pretendente
Que esta e a mesma, sim que estava
Aquella
Que a fez bem chorar tão turbulentamente?

Bem fizeste em ta crestes de vela.
Porque ela dirá-te ou rir toda a gente
De ti, do mau sucesso que não d'ella

—Que houve aqui?
—Coisa sério, que se ignora...
—Seria?
—Sim, entre os dois... Mas de olhos
Cafachi
Na revolta metter se, e foi-se embora...

—Morreu por la talvez...
—Bom para Anarda:
Vãe saber d'ella, o que houve, tu a seca...
—Este segredo, ao menos, ella guarda.

Setembro — 1895.

RAYMUNDO CORREA.

Cartas Litterarias

Acabo de ler o novo livro do Sr. Adolpho Caminha, no qual são apreciados alguns dos nossos mais distinguidos homens de lettras.

Pondo de parte o titulo, que não exprime o conteúdo, e que eu no caso do autor, para que o livro não se parecesse com certos zurrapas que apparecem no mercado com o rotulo de lacrima-christi, o teria baptisado simplesmente por Cartas— para que não as chamassem, depois de lidas, de litteratolices em vez de litterarias, direi porque figura n'ellas o meu humilde nome.

Li o que me dizia respeito e aos companheiros de berlinda.

E coube-me uma apreciação a « Fome, » livro que publiquei em 1890 Recordei-me então de ter lido alguns consa parecida e correndo o meu *Livro Azul*, fui encontrar a tal apreciação, anonyma, menos pulha, mas tambem menos desenvolvida, na Revista Moderna, que se publicou em Fortaleza em 1891.

O Senr. Caminha havia perfilhado o seu monstrengo e estampado nas suas « Cartas Litterarias. »

Como não se trata mais de o anonymo, e me assistindo o direito de defesa, vou provar ao publico, que lesa falta de criterio e de sinceridade do meu critico.

Começa assim o Sr. Caminha o seu periodo de estudar a [illegible] não foi merecedor.

« Ha um bom quarto d'hora que tenho suspensa a pena, em attitude extremosa e religiosa de quem espera uma revelação divina, sem saber o que dizer do novo livro do Sr. Rodolpho Theophilo e a minha dificuldade, o meu embaraço, a minha incerteza sobe de ponto a cogitar em um modo de agradar com que tocasse [illegible] essa obra na opinião da imprensa e melhor do autor. »

Neste periodo de legua e meia mal alinhavado de estylo frouxo, capaz de produzir sono que [illegible] o Sr. Caminha confessa, com toda a ingenuidade que não tem [illegible] o livro que [illegible] Rodolpho [illegible] e em falta de assumpto com [illegible] o [illegible] estudado [illegible]

cumspecta e religiosa de quem espera uma revelação divina.

Por este exordio vem-se logo a força do critico e as suas aptidões. Pondo de parte a *attitude circumspecta e religiosa da penna* do Sr Caminha, que de pato ou de aço, deixou na mão d'elle de ser corpo maninado, de forma cinta, sem circumspecção e religiosidade, para ser ente que sente, continuemos a leitura da sua apreciação.

Depois de dizer que não conhece as obras que tenho publicado, antes de mostrar os defeitos da «Fome,» diz ex-cathedra:

«O que desde já vou affirmando é que o Sr. Theophilo pode ser cidadão nimissimo trabalhador, um activissimo fabricante de vinho de cajú (que o é.) incansavel mesmo nos labores de sua profissão, extremamente amoroso para com sua terra natal, pode ter todas as qualidades de bom cidadão; mas em tempo algum conseguirá um logar proeminente na litteratura nacional; falta-lhe certo *quid*, largueza de vistas, orientação e bom gosto, predicados indispensaveis a quem se aventura n'esse terreno.»

Quasi esbofei com a leitura d'este periodo; afinal tomei folego e vamos continuar.

Dos dizeres acima, embora em linguagem de polemista de roça, tive um lucro, o *reclame* que faz o Sr. Caminha ao meu vinho de cajú. Foi o meu zabumba e por isso eu perdôo ter elle apregoado a minha nullidade litteraria. Talvez o meu critico suppozesse que me molestava dizendo ser eu fabricante de vinho de cajú; se assim pensou enganou-se, a minha vaidade não chega á impofia balofa; tenho muita honra em ser industrial, sei harmonisar o util com o agradavel. Nas horas vagas escrevo sonetos e contos e por desfastio ás vezes aponto as parvoices litterarias de romancistas pulhas. O que extranho é ter o Sr. Caminha quando desarrumou a minha bagagem scientifico-litteraria (como chama) encontrado vinho de cajú; mas se o encontrou foi bom, bem manipulado, e feito com aquelles celebres cajús da Aldeiota e vendidos pela Tia Joaquina do mestre Cosme.

Ha pouco tempo quando escrevi uma ligeira apreciação sobre a «Normalista» não indaguei se o *Sr. Caminha* era alfaiate, sapateiro ou sacristão.

Decretaõ *nullo* pelo meu critico, e *nullo* em todos os tempos passado, presente e futuro, se o caso fosse de recurso, se fosse possivel appellar da sentença para outra instancia eu o faria, mas não sendo repitco publicando—Os Brilhantes.—

Agora mesmo apreciando a «Normalista» achei o livro muito defeituoso; mas por esse fructo do Sr. Caminha ser aleijado segue-se que todos que produsa no futuro o serão!

Reconheço no autor da «Normalista» talento e um certo *quid* para a cousa, mas falta-lhe orientação e sobretudo um certo preparo scientifico.

Estudando pode vir a fazer figura saliente nas lettras patrias.

O que deveras me revoltou na apreciação, que o Sr. Caminha fez da «Fome», foi a sua falta de criterio e de sinceridade, como irão ver os que me lerem.

Diz o meu critico:

«Ouçamos o desgraçado retirantea respeito da mucunã:— Sua massa é cor de carne, o sabor suave e adocicado, e em tecidos de uma maciezza que muito agradava no paladar... E, assim por diante, o homem falla em *tecidos vegetaes*, como se fosse um doutor diplomado!»

Ninguem suppora lendo este trecho e não lendo o que esta escripto na «Fome» a pag. 95 q'o Sr. Caminha fosse capaz de uma incerdade, mais ainda de adulterar um facto, um periodo de uma narração para poder-o criticar desapiedadamente.

Se crimes d'essa natureza fossem previstos pelo nosso codigo criminal onde deveria estar o Sr. Caminha? De grilheta ao pé em algum presidio. Mas como elle continúa e continuará a andar solto, eu para vergonha sua, vou por-lhe a calva á mostra.

Quem lê o que escrevi a citada pagina vê que não se trata de mucunã e sim de um outro vegetal, terrivel veneno, cuja ingestão produz a destruição completa de alguns dos sentidos em poucas horas. Porque o Sr. Caminha não transcreveu toda a informação do retirante sobre essa planta? Porque mutilou-a? Foi porque publicando-a em sua integra ella resisteria ao grosseiro alvião de sua critica.

O Sr. Caminha escandalisa-se com a erudição do retirante a quem chama *doutor diplomado*, é porque pensa que a secca só destoca a população analphabeta.

Entre os quatrocentos mil infelizes, que a secca de 1877 expatriou, quantos conheciam melhor biologia que o meu critico! Eu mesmo tive um collega de collegio que abandonou os estudos de medicina já no terceiro anno e que na secca veio do sertão, a pé e se alimentando de raizes silvestres.

O Sr. Caminha não conhece a secca, o maior mal que pode flagellar um povo!

Se tivesse assistido uma dessas calamidades, embora ao abrigo das necessidades materiaes da vida, havia de perder parte de sua musculatura e quasi a paz do espirito, se não tivesse n'alma anesthesiados os sentimentos de piedade. Observe o meu critico os destroços de um terremoto e verá que o elemento destruidor não respeitou os fortes e nem tão pouco se condoeu dos fracos,—involveu tudo em seu remoinho!

As leis da Natureza, Sr. Caminha, não são como as leis dos homens, não se derogam nem têm nariz de cera.

E que grande erudição mostrava o retirante se porque fallava em *tecidos vegetaes*!

O meu critico, reflectindo bem verá que foi banal a sua critica. E vejamos.

Supponha o Sr. Adolpho Caminha que indigestado de applausos ou triumphos, enfastiado dos editores e da vida agitada da capital federal, um bello dia teve saudades do seu Aracaty, das poeticas varzeas do Jaguaribe e deseja um ninho no sertão. Uma casinha trepada n'um outeiro, cercada de um viçoso cercado, onde as gralhas trinem ao nascer e pôr do sol e ouça-se pela madrugada a toada nostalgica dos comboieiros, é o tranquillo remanso que aspira o espirito cançado e desillusido do laureado romancista. Ahi, melhor do que no barrio do Outeiro, *velho embora, mas tranquillo, e socegado, não abandona de victima orgulhosa* arma o Sr. Caminha a sua tenda. Os seus haveres como romancista brasileiro aposentado que é, não lhe permittiram adquirir uma fazenda de primeira ordem.

Os lucros, da «Normalista,» embora o livro como diz com toda modestia em suas «Cartas Litterarias a pag. 71.) *de um successo extraordinario* somados com as da «Judith Lagrimas de um Creante,» «Vinhos Inocentes, «Bom—Crioulo, Pequenos Contos, Theatro de Balsac e Duas Historias deram apenas para a compra d'uma duzia de vacas e o necessario á manutenção da vida sertaneja.

Tranquillos corriam os dias do fazendeiro Caminha, repousando das fadigas litterarias sobre os louros ganhos nas luctas da intelligencia.

Tudo ia bem gordas eram as vacas e opulentas as searas.

O Sr. Caminha já não tinha saudades da rua do Ouvidor. Já conhecia bem os *cabuás* e não os confundia mais com os *caracóes* e sabia ser tarefa impossivel matar cobras de cascavel á faca.

Tudo ia bem: *mas o socego n'este mundo é mal seguro.*

A secca, o terrivel mal congenito do Ceará, declara-se.

O sol sem nuvens que lhe empanassem os raios, dardeja fogo sobre este pedaço do globo, que resupino recebe em cheio seu calor de forja!

Nem mais uma gotta d'agua orvalhou os campos! As aves emigraram sequiosas de frescura, emquanto a floresta despe-se enrosca os ramos e o seu esqueleto negro e nú braceja no azulino espaço!

Os rebanhos surram esfaimados atraz das folhas seccas que fogem d'elles levadas pelo vento que num adoudado redemoinho vai atufal-as em medas no cocuruto dos penhascos!

E o homem mede a fundura do abysmo: acovarda-se ou lucta!...

O Sr. Caminha, espirito forte, peleja peito a peito com o flagello; rasga as entranhas na terra para matar a sede dos gados, mas a unica agua que apparece nas aridas camadas é o suor que lhe sahe dos poros em bagas... e o luctador cahe extenuado e desillusido.

Esmorece, mas não succumbe!

Põe em actividade o resto de sua energia, faz um esforço ultimo, no qual gastou as ultimas parcellas de sua coragem e nada consegue em favor de sua fortuna, que a secca aniquilla minuto a minuto!

A ultima rez estrebucha na malhada, e o sol dardeja torrando tudo!

O fazendeiro Caminha, com a vida seriamente ameaçada, abandona o ninho sertanejo em demanda da Fortaleza. Peregrino, encorpora-se ao prestito da fome. Como os companheiros de pernada, tem amarelo rosto, bravas como elles!... Um dia em

falta de vegetal conhecido arranca uma batata, que não conhece, e come.

No fim de poucas horas está cego e abandonado.

Acovardado com a escuridão da cegueira ajoelha-se e implora soccorro aos que passam perto de si. A linguagem do cego, embora não seja elle, *doutor diplomado*, é limada. Conta a historia de sua desgraça, não como analphabeto, mas como homem de certa cultura.

Já vê o Sr. Caminha que não foi uma parvoice minha ter encontrado um retirante, do qual não dei informações de seus conhecimentos, que se exprimia como um homem de alguma instrucção.

Outro defeito da «Fome» é o estylo, que no dizer do meu critico é frouxo, as scenas sem arte e sem verdade.

Nego competencia ao Sr. Caminha para avaliar o estylo e esthetica de qualquer escriptor. Eu poderia citar paginas e paginas da «Normalista» escriptas em estylo manco e repletas de scenas pulhas, e quem tem semelhante trave nos olhos não pode ver o argueiro no olho do visinho.

Eis uma amostra do estylo e esthetica do meu critico, na «Normalista»:

« Maria encolheu-se toda debaixo do lençol, duvidando.

Tremia como um doente de sesões embiocada que nem caracol. »

Esse *que nem* dito pelo mestre Cosme seria supportavel, correcto mesmo, mas pelo Sr. Caminha, que adora a forma, que quer ser purista, é que não se admitte.

Mais uma:

« Uma vez elle proprio Mendonça vira de perto a agonia lenta de uma mulher asphixiada pela elephantiasis —pernas inchadas, ventre inchado, rosto inchado, horrivel. »

Podia fazer mais de cem citações d'essa ordem, mas seria perder tempo e para amostra bastam estas.

(*Continúa.*)

RODOLPHO THEOPHILO

A sogra

Ha certo tempo, um gaiato,
que o dom das pilherias logra,
tentou pôr em desbarato
o predominio da sogra.

Sobre a velha desdobrava
tudo o que de mão havia;
umas vezes era brava,
e era outras vezes bravia!

Chamava-lhe abelha mestra,
saracura ou giboia,
e a matrona, menos dextra,
ia ao fundo sem ver boia!

Com effeito achou-se graça
no chorrilho de anedoctas,
e em nas ruas ou na praça
era o assumpto das chacotas!

Depois disso, com desaso
e com petulancia ensossa
cada qual conta seu caso
relativo á mãe da moça.

E a vovósinha, que trata
do netinho ainda tenro,
é o alvo da setta ingrata
de seu malcriado genro!

Esta nova antipathia,
a dos antigos contrasta!
amavam a sogra e a tia,
pois má só era a madrasta!

Se no genro entra o diabo,
em casa é a sogra um anjo,
que rebate o menoscabo
e insolencias do marmanjo.

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1895.

PADRE CORREA DE ALMEIDA

Bibliographia

CARTAS LITTERARIAS

POR

ADOLPHO CAMINHA

Capital Federal—1895.

Chega-nos ás mãos este recente livro do joven e operoso escriptor cearense Adolpho Caminha.

Dentre as *Cartas Litterarias* ha tres que nos dizem respeito.

Uma destas não é mais do que o artigo publicado aqui em 1891 na *Revista Moderna* sobre os *Versos Diversos* de Antonio Salles.

Caminha chrismou este artigo de *Uma estréa ruidosa* e o reproduz quasi sem alteração no seu livro.

Antonio Salles respondeu em tempo a essa critica pelas columnas do antigo *Libertador*, o que deu logar a renhida polemica entre elle e Caminha.

Uma outra destas cartas refere-se á Padaria Espiritual e já teve resposta de Antonio Salles n'*A Noticia* da Capital Federal.

E' possivel que reproduzamos mais logo essa resposta.

A terceira occupa-se com o romance *A Fome* de Rodolpho Theophilo, que a ella responde com o artigo que começamos hoje a publicar.

Sobre as demais *Cartas* quasi nada temos a dizer.

Sempre diremos, em todo o caso, que si ellas são uma nova affirmação do talento de Adolpho Caminha são ao mesmo tempo a negação completa, irremediavel de seus aptidões para critico.

Nem a sua cultura nem o seu temperamento o habilitam para tão delicadas funcções, e mesmo quando com o correr dos annos venha seu espirito a opulentar-se com os conhecimentos que hoje lhe faltam o seu temperamento vehemente, parcial, irritadiço ahi estará para desvial-o da senda trilhada pelos mestres.

Conhecemos de perto o Caminha e sabemos perfeitamente que o sentimento resiste a todo o instante a cerca das suas [illegible] o que [illegible]

perante uma injustiça contanto que essa injustiça sirva de valvula a um resentimento.

O facto de Caminha estar tão aprofundadamente como critico a Zola, que escreveu *Mes haines*, serve de prova a nossa asserção.

Estimariamos que Caminha estasse mais Taine e menos Zola.

Continuando a estudar pode chegar a ser um dia possuidor da grande erudição de Sylvio Romero mas terá sempre os defeitos que fazem do autor da *Historia da Litteratura Brasileira* um critico cujas opiniões não podem ser acceitas sem grandes restricções, pelo menos no que toca a individualidades.

Caminha é arrebatado, fervente, rancoroso— e não é dessa massa que se fazem os criticos dignos de tal nome.

Não dispondo de espaço para analysar sua obra limitamo-nos a esboçar estes traços sobre a sua individualidade que muito conhecemos e que ainda prezamos a despeito de umas *tantas coisinhas* que não vem ao caso relatar.

M. J.

PROBLEMA

AO RODOLPHO THEOPHILO

No fundo e tragico oceano
que ha no coração humano
lançou a sciencia uma sonda
creando a psychologia
que calma, impassivel, fria
lhe disseca onda por onda...

E o analysta desde então
nos estuda o coração
com o mais insano fervor,
mas sempre immerso no engano
não sabe se mais humano
é o Odio—ou se é o Amor!

(Das—*Vagas*).

Ceará 9—95.

SABINO BATISTA

No sertão

Despertava cedo, erguia-me e immediatamente sahia para sorver o puro oxygenio trazido pelo vento que soprava e ouvia embevecido a musica sonora e deliciosa dos passaros que saudavam festivamente o despertar do dia.

Minh'alma prazenteira [illegible] natureza vestia-se de [illegible] talvez para encher-me de [illegible].

A vida que levava [illegible] feliz e sommolento [illegible]

Quando [illegible] za tranquilla [illegible] despertal-a do torpor [illegible] eu sentia [illegible] matta [illegible] logar [illegible] [illegible] perem [illegible] incapaz [illegible] va [illegible] uma [illegible] horas [illegible] uma [illegible]

dormia e sonhava fabulosas riquezas tra zidas por um riacho mysterioso que se perdia na espessura da matta.

—

Bruscamente fui forçado a retirar me para esta infecta cidade onde a saude é uma illusão e o trabalho uma lei imposta pela necessidade.

4 de setembro de 1895.

FRIVOLINO CATAVENTO

Marinha

Tarde de agosto; o azul do firmamento
Vem casar-se ao do mar manchado apenas
Pelas jangadas que, á mercê do vento,
Vêm regressando, brancas e pequenas.

Longe... num bando preguiçoso e lento,
Aves marinhas, agitando as pennas,
Vôam, roçando o dôrso espumarento
Das ondas, e vão, calmas e serenas,

Sumir-se alem, em busca de outras plagas,
Deixando atraz de si vagas e vagas
Na superficie do oceano esparsas...

Emquanto algumas nuvens côr de neve
Deslisam pelo céo, brandas, de leve,
Como alvejantes, erradias garças.

ANTONIO DE CASTRO.

Imprensa Litteraria

«A THEBAIDA»

Temos a vista o n.º 3 desta revista que jurou á sua Alta Espiritualidade divertir-nos a sua custa.

O Sr. Alves de Faria e *Pedro Celeste* occupam-se comnosco naquella linguagem arrevesada que os nephelibatas inventaram para transmittir ao publico bestificado as suas amarguradas cogitações de ciliciados ... da camisola de força.

Alves de Faria chama a nossa resposta de «impossivelmente imbecil» (que belleza de expressão!) e *Pedro Celeste* chama-a de «chuva de fogo dos doestos» que promette receber com a beatitude e resignação com que talvez receba a *cutra* que lhe roeja o estomago.

As attitudes monasticas que affectam os nossos adversarios correspondem a hypocrisia jesuitica de que se revestem para se fingirem victimas.

Aggridem-nos os malandros gratuita e virulentamente, e quando respondemos apontando-lhes os deploraveis erros em que cahem a cada passo, replicam-nos com uns ares de martyres circumscriptos á lettra do Evangelho.

Ja é ser tartufos!

Pena é que alguns rapazes de merecimento condescendam em figurar na galeria de retratos que ornaam as duas paginas centraes deste n.º d'*A Thebaida* vendo-se Virgilio Varzea, Julio Cezar da Silva, Amadeu Amaral, etc, ao lado de Alves de Faria, Cotlatino Barroso e outros ineptos de igual marca, que fazem do decadismo escudo para a sua nullidade.

Teriamos para os nossos symbolistas d'agua doce a tolerancia que se tem para com certas extravagancias inoffensivas, si os pobres rapazes não assumissem ares de privilegiados, de eleitos, de predestinados que os tornam de um grotesco infinito se, si, ao menos, conhecessem a escola ou que que, que seria de que se julgam discipulos.

Mas essa pobre gente anda a mil leguas do movimento symbolista em França.

Alves de Faria fala, por exemplo do *Pèlerin Passionné* de Jean Moréas como de uma novidade, que só agora lhe chega as mãos.

Ora, este livro, publicado em 1893, já o possuimos ha quasi um anno, por signal que um dos nossos delle traduziu a segunda das *Etrennes de Doulce*, muito embora não resemos pelo credo symbolista.

A gente d'*A Thebaida* continua a fazer litteratura personalissima (e ruim por conseguinte) ignorando que o seu pretenso pontifice, Verlaine (pobre Verlaine!) já fez seu *Adieu à la litterature personnelle* nas seguintes estrophes:

«Adieu, cher moi, chagrin et joie
Dont j'ai, parait-il, tant parlé,
Qu'on n'en veut plus, que c'est reglé
Desormais faut que je me noie

Au sein—comment dit-on cela?—
De l'art impersonnel, et digne
Que j'assume un sang froid insigne
Pour te chanter, ô Walhalla.»

Apostamos cem contra um como a gente d'*A Thebaida* ignorava ainda esta resolução do grande mas desequilibrado poeta de quem tanto falam e a quem tão pouco conhecem.

E é ignorando assim as ordens do dia dos seus chefes *quand même* que os tropegos soldados do decadismo no Brasil nos atordoam os ouvidos com o retintim de uma terminologia macabra obrigada a maiusculas e arrumada com uma syntaxe de arripiar cabellos.

Ora saibam os nossos verlaine-mirins que nos conhecemos o decadismo, suas causas e seus effeitos—e sabemos tambem que elle não tem rasão de existir em uma litteratura embryonaria como a nossa, que ainda não percorreu o cyclo de suas manifestações vitaes, ao fim do qual tera de chegar, como a franceza, á decadencia, á degenerecescencia a phase morbida determinante da obra de Verlaine e outros.

Não nos venham pois com ar suas labias de Ciliciados, Nevrotados Torturados, Quintessenciados e ... Apolermados, que não pegam as bichas.

Elles, afinal, não passam de uns grandes pandegos, um boccadinho insolentes e bastante ignorantes, com quem não vale a pena gastar algumas gottas de tinta dignas de melhor emprego.

Continuem nesta vidoca e se conseguirão crucificar e martyrisar o pobre Arte, tal como elle está representado no alto da pagina d'*A Thebaida* que tão *mal bestamente* pompeia as suas velhicas, (a ellas) muito parecidas ... vo excepções, com outras que ornam os livros de Lombroso.

Crucifiquem-na, barbaros, que nos outros ex estamos para descel-a do madeiro e assistir-lhe á resurreição.

Temos mais a registrar a recepção das seguintes revistas que nos visitam sempre com pontualidade:

Revista Brazileira, Rio de Janeiro fasciculos 16 e 17; *O Cruzeiro*, Parana, *Revista Contemporanea*, Recife, numeros 15 e 16; *A Renascença*, Bahia, numero 11; *Revista Juridica*, Capital Federal, numero 7; *A Illustração*, Recife, numero 11 com o retrato a sympathica e festejada artista Luiza Leonardo; *Revista da Noite da Bahia*, numero 10 e 11; *A Epocha*, numero 15; e *Club Curitibano*, Para; *A Centelha*, Cametá (Pará) anno I, numero 1.º; *A Arte* Parana numeros numero 2, 3, 4 e 5; *O Mundo Bohemio* numero 2.

A todos os collegas nos confessamos gratos pela honra da visita.

A. S

Ausente

*****

A onda se ergue no mar
E rola, rola na praia
Espuma, brame, se espraia
E em breve torna a voltar...

Vão passando pelo ar
Nuvens finas de cambraia,
E á lua que além desmaia
De todo a vão occultar

Porem ella, feiticeira,
Corre veloz e ligeira,
Para depressa tornar,

Volta a lua... E tu, querida,
Depois da triste partida
Não mais quiseste voltar...

18—9—95

GIL NAVARRA.

CARTEIRA

«VAGAS»

Pelo ultimo vapor seguiram para Ouro Preto, os originaes deste futuro livro de Salomo Baptista, afim de ser prefaciado pelo eminente poeta Raymundo Corrêa.

E ia que falamos do grande bardo das *Alleluias*, compre-nos encamar a attenção para a sua poesia *Enxuz barra* ... escripta expressamente para *O Pão*, que muito se desvanece de illuminar hoje com ella as suas columnas.

LUIZ BARBOSA

Tivemos a vista deste nosso ... conterraneo da Minas Lettras ... ...

Morrendo de modestia ... ...

Henrique Jorge

Para Belem seguiu no ultimo vapor o nosso adoravel companheiro Henrique Jorge, o talentoso violinista que todos admiram, o espirituoso rapaz cuja palestra faz o encanto de quem houve.

Dizem que o movel desta viagem são cousas do coração ....

Mas não precipitemos os acontecimentos e limitemo-nos por ora a desejar ao nosso Sarasat boa viagem e muitas venturas.

Livio Barretto

Novo e terribilissimo golpe vem ferir a nossa associação, que ainda sangra da perda de Xavier de Castro.

Acaba de fallecer repentinamente em Camocim o nosso querido companheiro Livio Barretto, um dos talentos mais brilhantes, uma das organisações mais privilegradamente artisticas que possuimos.

Livio morreu na vespera do dia em que devia entrar para o prélo o seu livro de versos—Dolentes!

Estava já prompta a nossa folha quando recebemos a desgraçada noticia, e por isto só podemos dar sobre o nosso desventurado companheiro estas rapidas linhas traçadas as tontas, sob a mais terrivel e mais desoladora das impressões.

A' familia de Livio Barretto e ás Lettras Cearenses enviamos os nossos pesames.

«Botanica» e «Sciencias Naturaes em Contos»

Estes dous notaveis trabalhos didaticos do nosso presado consocio e operoso conterraneo Rodolpho Theophilo acabam de obter honrosissima distincção por parte do Conselho Superior de Instrucção de S. Paulo, que os approvou afim de serem adoptados pelas escolas publicas.

Convem lembrar que a edição da *Botanica* foi comprada pelo nosso governo afim de destribuil-a pelas escolas.

Mas tal distribuição não se fez; todos os volumes ficaram dormindo no archivo da Secretaria onde a traça se encarregou de consumil-os.

E' pois com grande orgulho que vemos um Estado como S. Paulo, onde a instrucção publica é uma cousa séria que merece toda a solicitude da administração, premiar os esforços do nosso consocio com esta approvação, que tanto o honra.

Logo que sejam adoptadas nas escolas as obras em questão, o illustre professor Dr. Garcia Redondo ampliará a *Botanica* para fazel-a adoptar tambem na Escola Polytechnica, e neste caso a futura edição trará no frontespicio o seu nome ao lado do nome do autor da edição primitiva.

Felicitamos ardentemente ao Rodolpho Theophilo pelo triumpho que acabam de proporcionar-lhes os seus labores de trabalhador intelligente e infatigavel.

Antonio Rayol

Este festejado tenor o nosso bom camarada acha-se actualmente nesta capital como regente da orchestra da companhia Moreira de Vasconcellos.

Foi com grande jubilo que abraçamos ao Rayol, que sempre jovial e amavel nos chega de Milão onde viu seu talento sagrado pelo applauso de Verdi e outras celebridades musicaes da Italia.

Matinée

Uma commissão composta de José Marçal, Antonio Salles, Ricardo Silveira e Francisco Salgado offerece no proximo domingo uma matinée ao festejado tenor brazileiro Antonio Rayol.

Foram parte no festival muitos dos nossos mais distinctos amadores. O programma, que se esta organisando é quasi todo desconhecido do nosso publico e encerra verdadeiras joias musicaes.

Emfim a festa parece-nos que vai ser digna do distincto artista a quem é consagrada.

Theatro

O velho e solitario S. Luiz deixou de ser habitação de morcegos para abrir seu acanhado palco aos applaudidos artistas da companhia lyrico-dramatica Moreira de Vasconcellos. O nome do distincto director da companhia já nos era bastante familiar e muitissimo sympathico, pois não é sem enthusiasmo que acompanhamos sempre os merecidos elogios que tece a imprensa aos artistias de sua estatura, aos escriptores do seu talento. Para nos Moreira de Vasconcellos era um dos mais esforçados impulsionadores da arte dramatica brazileira que infelizmente é tão mal comprehendida e pouco cultivada pelos nossos homens de lettras.

E não nos enganavamos avançando a tão arrojadas proposições, pois é com satisfação que vamos vendo confirmado o nosso anterior juizo sobre o creterioso auctor e actor com os magnificos espectaculos que a companhia nos tem proporcionado.

A estréa foi a mais auspiciosa possivel, e o publico cearense, que encheu litteralmente o S. Luiz, ficou conhecendo a força da companhia e os recursos de que ella dispõe.

O drama *Tiradentes*, escolhido para apresentação dos sympathicos artistas, não é só uma peça litteraria de valor como um conscienceioso apanhado historico dos episodios da revolução mineira, cheio de lances commoventes e colorido de scenas heroicas que emocionam e enthusiasmam. E' uma peça que honra a litteratura brazileira.

O desempenho foi o melhor possivel e a interpretação que deram a seus papeis a festajada actriz brazileira Luiza Leonardo, Moreira de Vasconcellos, F. Silva e Peret, não deixou nada a desejar.

Não foi menos bem interpretada a representação da graciosa operista portugueza *O Periquito*, com que a companhia deu seu segundo espectaculo.

Luiza Leonardo e F. da Silva encarregaram-se do successo da noite, conquistando os applausos mais estrepitosos. Tanto a primeira no papel de *Periquito* como o segurdo no de *Liborio* portavam-se com uma correção irreprehensivel arrancando bôas gargalhadas dos espectadores que enchiam o S. Luiz. M. de Vasconcellos, muito embora representasse papel secundario na peça, saiu-se perfeitamente bem, assim como os artistas Tito Azevedo, Julia Gobert e Lucia Fernandes, concorrendo todos para o successo alcançado com a representação do *Periquito*.

Não foi menor o exito do drama—*os Portuguezes na Africa* escolhido para a terceira récita da companhia.

As honras da noite couberam ao Sr. Peret que interpretou admiravelmente o seu papel de *Inglez* trazendo a platéa em continua gargalhada. Luiza Leonardo poz em evidencia mais uma vez o seu grande talento de artista consciencioso, emprestando alma e vida ao papel que lhe coube no desempenho do drama que, quando não seja uma peça de grande folego não desmerece comtudo o nome e o conceito de que gosa o auctor de *Tiradentes*.

Os demais artistas portaram-se com toda correcção, salientando-se Moreira de Vasconcellos e F. da Silva que estiveram na altura de qualquer elogio.

O mesmo se deu com os *Recolhosos* revista de costumes fluminenses e que obteve um extraordinario successo no Rio, e com as *Duas Orphãas*, drama emocionante e de grande effeito. A primeira peça era de toda desconhecida para nos e a julgar pelos applausos conquistados pela maioria dos artistas podemos dizer que foi uma das melhores noites que já nos proporcionou a Companhia Moreira de Vasconcellos; a segunda era porem muito nossa conhecida e tinhamos ainda bem viva a impressão que ella nos deixou quando representada pela Apollonia Pinto, que ha pouco mezes aqui esteve de passagem.

O que podemos garantir é que o desempenho agora nada deixou a desejar ás representações que temos assistido do commovente drama D'Ennery.

E dizendo isto fica dito tudo o que poderiamos dizer sobre os sympathicos artista que ora deliciam o nosso publico.

Seria injustiça nossa deixarmos de mencionar a parte da orchestra sob a regencia do distincto tenor e violinista Antonio Rayol, uma das glorias brazileiras na musica. Que harmoniosas e sonoras notas tem feito o Rayol vibrar no S. Luiz e na alma dos que tem tido a felicidade de assistir aos espectaculos da companhia Moreira de Vasconcellos!

A nossa sessão

Foi em casa do José Nava que fizemos a nossa ultima sessão a que compareceram, alem dos Poderosos, grande numero de pessoas de selecção.

Leram-se diversos trabalhos, fez-se musica e espirito, terminando a festa por uma delicada refeição durante a qual o Antonio Reserra narrou algumas de suas extraordinarias aventuras.

Uma festa encantadora!

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago :—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito : —Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tisica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia inconctestavel em todas as exarcebações do systema nervoso.—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECÇÃO ANTI-BRENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorrhagias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo 80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relogios** para paed es e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a affirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria européa produz de **mais fino e mais elegante.** A «ESTRELLA DO ORIENTE» avantaja-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **bom gosto** não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52--Rua do Major Facundo--52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no *AGUIAR*.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP. STUDART—Rua Formosa n. 46.